

PADRE ANTÓNIO VIEIRA

SERMÃO DA SEXAGÉSIMA
E
SERMÕES DA QUARESMA

TEMAS E DEBATES

PADRE ANTÓNIO VIEIRA

SERMÃO DA SEXAGÉSIMA E SERMÕES DA QUARESMA

DIREÇÃO

JOSÉ EDUARDO FRANCO • PEDRO CALAFATE

COORDENAÇÃO E INTRODUÇÃO

AIDA LEMOS

MICAELA RAMON

ANOTAÇÃO

AIDA LEMOS

MICAELA RAMON

JOÃO PEDRO CAMBADO

VERSÃO E ANOTAÇÃO DOS TEXTOS LATINOS

JOSÉ CARLOS LOPES DE MIRANDA

MADALENA BRITO

TEMAS E DEBATES

INTRODUÇÃO

“O céu ‘strela o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e à glória tem,
Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também”.

Fernando Pessoa, *Mensagem*.

Pela influência que deixou, pela receção que teve ao longo dos tempos não apenas em Portugal como também no Brasil, mas, sobretudo, pela obra que nos legou, o Padre António Vieira, eleito por Fernando Pessoa o “Imperador da Língua Portuguesa”, pode muito justamente ser considerado o grande paradigma da literatura em prosa do século XVII, assim reclamado em ambos os lados do Atlântico.

Autor prolixo de uma obra que abarca várias tipologias textuais, destacando-se os textos proféticos e messiânicos bem como as cartas escritas no decurso de mais de 70 anos de uma longa vida intensa e atribulada, foi sobretudo como orador sacro que Vieira captou a atenção e provocou a admiração dos seus contemporâneos, assegurando do mesmo passo um lugar cativo no panteão das figuras ilustres da cultura expressa em língua portuguesa, da qual ele foi mestre maior.

Os sermões do Padre António Vieira são por muitos apontados como a parte mais importante da sua obra, embora ele próprio os considerasse “pequenas choupanas” quando comparados com os “altos palácios” que seriam os textos proféticos e messiânicos¹. Ao aparente menor apreço votado a este tipo de textos contrapõe-se, no entanto, o empenho posto

¹ Cf. carta 751, de 27 de junho de 1696, endereçada a Sebastião de Matos e Sousa (publicada no t. I, vol. IV, *Obra Completa Padre António Vieira*, dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate, s.l., Círculo de Leitores, 2013).

pelo padre jesuíta, nos últimos 20 anos da sua vida, em reunir e em reconstituir os seus textos parenéticos a fim de os incluir nos doze tomos de sermões que preparou para publicação. Segundo informa João Francisco Marques, a ideia de organizar os borrões dos seus sermões para impressão ter-lhe-á surgido em 1652, como resposta aos desejos de todos quantos o ouviam e admiravam: “Tem este Padre feito na Corte de Lx.^a [Lisboa] grande abalo com as suas pregações; pedem todos os de maior nobreza daquela cidade, e ainda os Religiosos das Sagradas Religiões que lhe imprimam seus sermões”². Porém, o primeiro volume da *editio princeps* apenas veria a luz do dia em 1679, tendo o último vindo a público em 1699, já postumamente, visto o autor ter falecido dois anos antes.

Para realizar este trabalho de organização e publicação dos seus sermões, o pregador ter-se-á socorrido de elementos de natureza diversa, pois que de muitas das suas prédicas existiam “apenas breves tópicos, sobre os quais Vieira discorrera improvisando; outros estariam escritos parcialmente, e Vieira tivera apenas, no momento da pregação, de improvisar as transições entre os trechos redigidos; outros, ainda, estavam redigidos do princípio ao fim”³, não sendo igualmente de negligenciar aqueles casos em que os sermões corriam já impressos em folhetos avulso.

Esta diversidade de fontes, bem assim como o prolongado desfazamento temporal que em muitos casos existe entre as datas de pregação e de publicação dos sermões, torna prudente ter em conta que os textos editados, na maior parte dos casos, não reproduzem os sermões tal como eles terão sido pronunciados; antes traduzem o pensamento e o estilo de Vieira na última fase da sua vida, como alerta Jacinto do Prado Coelho, na esteira de Raymond Cantel. Por outro lado, o próprio pregador, no prólogo ao “Leitor” da primeira parte dos seus *Sermoens*, acentuou as diferenças entre as versões oral e escrita dos mesmos, manifestando nítida preferência pelas primeiras, visto permitirem uma interação imediata com o auditório, cujas reações emocionais lhe possibilitavam ajustar a sua *performance* sempre em busca da otimização dos efeitos pretendidos. Por esse motivo, recorrendo à metáfora disfórica e contundente da morte, Vieira afirma que “sem a voz que os animava, ainda ressuscitados [os sermões publicados] são cadáveres”⁴.

2 João Francisco Marques, “Introdução geral à Parenética”, t. II, vol. I, *Obra Completa Padre António Vieira*, op. cit., 2013.

3 Jacinto do Prado Coelho, *Dicionário de Literatura*, vol. 4, Porto, Mário Figueirinhas Editor, 1997, p. 1176.

4 *Sermoens do Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesu, prégador de sua Alteza. Primeyra parte, dedicada ao Principe, Nosso Senhor*, Lisboa, Officina de Joam da Costa, 1679, p. VI.

No período pós-Trento, em todo o mundo católico e muito particularmente nos territórios sob influência dos impérios ibéricos, floresceu toda uma produção editorial de tipo propagandístico que visava a difusão e a aceitação generalizadas das normas e dos princípios que serviam de esteio ao renovamento da religião, da espiritualidade e das próprias condutas dos indivíduos, fossem eles consagrados ou leigos. O período de implementação das decisões tomadas no Concílio de Trento foi longo, estendendo-se a todo o século XVII e ecoando ainda no século XVIII, quer naqueles espaços em que era necessário implementar uma política de recatolização, quer naqueles outros, como as colônias portuguesas, que exigiam uma evangelização de raiz. Para tal efeito, muito contribuiu uma literatura de tipo espiritual, moralizante e catequético que pretendia atuar ao nível da morigeração dos comportamentos, colocando o homem perante a problemática da sua salvação.

Neste contexto, o sermão foi não só o género literário predominante, mas também a base da mais importante cerimónia social do século XVII: a pregação. Através dela, a palavra do orador atingia todas as camadas sociais e, por isso mesmo, o ato de pregar revestia-se de uma importância fundamental. O púlpito transformou-se no último baluarte da liberdade de expressão e a importância atribuída aos sermões, não só na tarefa de educar e regular os comportamentos considerados aceitáveis quer do ponto de vista estritamente religioso, quer social, como também enquanto instrumentos privilegiados de difusão de ideias, fica bem expressa nas palavras de Nelson W. Sodré, quando escreve: “O púlpito [era] o único meio generalizado de difusão do pensamento, órgão exclusivo utilizado na tarefa de divulgar ideias. Do alto do púlpito é que se fazia natural e possível alguém dirigir-se a muitos, e os atos religiosos, que eram os que conseguiam reunir povo, adquiriam por isso uma significação singular”⁵. Daí que o púlpito fosse utilizado como tribuna ideal não só para a difusão da palavra de Deus, como também para o comentário crítico da vida pública. Por isso, os sermões de Vieira não se confinam aos temas teológicos, tratando também muitos outros de natureza moral, social e política, neles se espelhando fielmente a época em que o jesuíta viveu.

É certo que na origem dos sermões de Vieira pode geralmente ser encontrada uma motivação inspirada no desenrolar do ano eclesial, ou melhor dizendo, na sucessão de eventos, festividades, celebrações e rituais religiosos que fazem parte dos ciclos do calendário litúrgico. Como pontos altos desse calendário surgem naturalmente o Natal e a

5 Nelson Werneck Sodré, *História da Literatura brasileira*, Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 2002, p. 83.

Páscoa, festas destinadas à celebração do nascimento e da ressurreição de Cristo. Porém, ao longo das cinquenta e duas semanas do ano litúrgico, outras datas são dignas de celebração, como sejam as relacionadas com episódios cristológicos, marianos ou relativos à vida dos santos. Ainda assim, frequentemente estes motivos são pretexto para deambulações que extrapolam o âmbito religioso para desenvolverem temáticas de natureza bem mais pragmática, sempre ancoradas circunstancialmente pelos locais onde os sermões são proferidos e pelo auditório específico a que estes se destinam.

No presente volume reúnem-se dez sermões e um comento ou homilia⁶, concebidos e/ou proferidos, ao longo de um arco temporal que vai de 1644 a 1673, em locais distintos e para públicos diversos. Os dez sermões podem ser agrupados em três blocos temáticos, merecendo tratamento diferenciado o celeberrimo “Sermão da Sexagésima”, por poder ser considerado uma espécie de intróito à “arte de pregar” do padre jesuíta. Os três blocos temáticos aludidos prendem-se todos com a preparação da Páscoa; todavia, subdividem-se em três sermões de quarta-feira de Cinza; três sermões da primeira sexta-feira da Quaresma; e outros três sermões da primeira domingo da Quaresma. A estes acrescenta-se, como já se disse, o “Comento, ou homilia, sobre o evangelho da segunda-feira da primeira semana de Quaresma”. Cinco dos dez sermões foram pregados em Lisboa, na Capela Real⁷; um na mesma cidade, mas no Convento de Odivelas; três em Roma, na Igreja de Santo António dos Portugueses; e um outro no Brasil, em São Luís do Maranhão. Esta dispersão de locais de pregação é bem o reflexo da errância da vida de Vieira, que o fez personagem em cenários tão distintos, tendo em todos sobressaído o seu génio retórico.

Como é sabido, na liturgia cristã o tempo de preparação para a Páscoa é designado de “Quaresma”, expressão originária do latim *quadragesima dies*, isto é, os quarenta dias que antecedem a celebração da ressurreição de Cristo e o seu triunfo sobre a morte. Para a Igreja Católica, o tempo da Quaresma inicia-se na quarta-feira de Cinzas e estende-se até à missa vespertina da Quinta-Feira Santa, compreendendo seis domingos chamados primeiro, segundo, terceiro, quarto e

6 Aproveitamos o ensejo para aqui deixarmos expresso o nosso agradecimento à Equipa Vieira, especialmente à Beatriz Miranda, ao João Cambado e ao Porfírio Pinto, pelo trabalho de transcrição e apoio à anotação dos textos reunidos neste volume.

7 Refira-se que um dos sermões de quarta-feira de Cinzas não chegou a ser pregado por motivo de doença de Vieira: “Para a Capela Real, que se não pregou por enfermidade do Autor”, como indicado na *princeps*.

quinto domingos da Quaresma, este comumente chamado Domingo da Paixão, sendo o sexto e último o Domingo de Ramos. Para cada um dos dias do período quaresmal, mormente para os que acabam de ser referidos, há uma liturgia da palavra própria, com leituras específicas. São precisamente essas passagens que servem de mote ao Padre António Vieira para construir os seus sermões.

SERMÃO DA SEXAGÉSIMA

Pregado na Capela Real, em Lisboa, no ano de 1655, o “Sermão da Sexagésima” tem por mote o versículo bíblico, retirado do *Evangelho de S. Lucas*, *Semen est Verbum Dei* (Lc 8, 11). Trata-se de uma peça oratória que se constitui como um manifesto simultaneamente artístico e religioso. Nele Vieira expôs as suas ideias retóricas, estéticas, linguísticas, religiosas e morais relativas às tradicionais qualidades do orador e à forma como ele há de pregar para que a sua ação possa frutificar e ter verdadeiro impacto na vida dos destinatários das prédicas. Neste texto, o jesuíta aborda ainda outros assuntos relativos à retórica barroca, como sejam: os que dizem respeito ao carácter do orador (*ethos*); os que se ligam à importância persuasiva dos cinco sentidos e muito particularmente da visão; as finalidades do discurso, ou seja, o *movere*, o *delectare* e o *docere*, com insistência na primeira delas; e o valor dos afetos (*pathos*) traduzido numa reação emocional à mensagem transmitida.

Ainda neste sermão, Vieira dá opiniões sobre aspetos relacionados com a estética literária dominante no seu tempo. Assim, desvaloriza o sermão “apostilhado”, isto é, aquele em que o pregador se limita a acumular comentários a textos bíblicos. Também condena as agudezas do estilo culto do tempo, acusando-o de sacrificar a verdade da palavra de Deus aos efeitos de estilo. De facto, a oratória sagrada não ficou imune ao ambiente literário que sucedeu ao Renascimento e a influência gongórica do cultismo (jogos de palavras, imagens e construções) e do concetismo (jogos de conceitos) repercutiu-se na arte de pregar, desnaturalizando-a.

Do ponto de vista da estrutura externa, trata-se de um sermão composto por dez capítulos, cada um com um brilho autónomo, mas não deixando de encaixar no todo. Do ponto de vista da estrutura interna, o texto obedece às seguintes partes: um exórdio; uma proposição que se formula a partir de um tema retirado dos Evangelhos, colocado na modalidade de dúvida (*dubitatio*), na de interrogação (*quaestio*) ou na de paradoxo (*impossibilia*); uma divisão em partes; e uma argumentação

com provas (confirmação ou refutação), que se vai desenvolvendo até terminar na peroração.

Como já se disse, o “Sermão da Sexagésima” constrói-se sobre o comentário dos elementos que compõem o tema evangélico: *Ecce exiit qui seminat, seminare. Semen est verbum Dei*. Tomando este tema, Vieira vai decompô-lo em partes, de modo a que cada uma seja tratada num dos capítulos do sermão. É a isto que se chama o conceito predicável, método argumentativo utilizado na oratória sacra de Seiscentos e que se baseava na autoridade do texto sagrado, tomado como “conceito” ou metáfora que o orador desenvolvia, interpretando-o. No sermão barroco defendia-se um “conceito” com passos das Escrituras, onde ele já estaria expresso, embora de modo escondido e alegórico, cabendo ao orador sacro descobrir o seu sentido verdadeiro e revelá-lo pelo poder da exegese.

No “Sermão da Sexagésima”, Vieira apresenta a sua forma de encarar a arte de pregar, defendendo a simplicidade estilística: “Há de tomar o pregador uma só matéria; há de defini-la, para que se conheça; há de dividi-la, para que se distinga; há de prová-la com a Escritura; há de declará-la com a razão; há de confirmá-la com o exemplo; há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências, que se hão de seguir, com os inconvenientes, que se devem evitar; há de responder às dúvidas; há de satisfazer às dificuldades; há de impugnar, e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto é falar de mais alto”.

O excerto citado contém os principais tópicos daquilo a que Aníbal Pinto de Castro chamou o “método português de pregar”⁸. Tal método desenvolver-se-ia a partir dos seguintes pontos: apresentação do tema, isto é, da perícopa bíblica a partir da qual se constrói o discurso; indicação das ideias fundamentais a serem definidas (intróito); pedido de auxílio inspirador, geralmente à Virgem (invocação); desenvolvimento do tema (argumentação), corroborando as razões e opiniões apresentadas com exemplos e com o recurso a fontes de autoridade; apresentação das lições morais e incitamento aos fiéis a pô-las em prática (peroração). Margarida Vieira Mendes, porém, põe em causa a existência deste “método português de pregar”, defendendo que neste sermão “não existe nenhuma teoria retórica peculiar [...] ou, mais precisamente, nenhuma

8 Cf. Aníbal Pinto de Castro, *Retórica e teorização literária em Portugal: do Humanismo ao Classicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973, pp. 95-96.

teoria que possa definir um método ou estilo de sermão, mas tão-só, a nível perçetístico, um conjunto de recomendações e censuras que encontramos noutros livros da época, sejam eles artes retóricas, instruções de pregadores, ou os próprios sermões publicados em sermonários assim como os seus prólogos. Estes últimos encontram-se cheios de considerações e avisos sobre o pregador e a sua arte”⁹. Ainda que não se retire razão à ilustre especialista, não há como não reconhecer que a teoria exposta e as advertências feitas por Vieira neste sermão podem ser verificadas na generalidade das suas peças de oratória sacra, cuja estrutura segue aquela base programática.

SERMÕES DE QUARTA-FEIRA DE CINZA

Dos três sermões de quarta-feira de Cinzas que integram este volume, dois foram pregados em Roma, na Igreja de S.^{to} António dos Portugueses, nos anos consecutivos de 1672 e 1673, e outro, como já antes ficou dito, deveria ter sido pronunciado na Capela Real, em Lisboa, em data não identificada na *editio princeps*, mas essa intenção acabaria por não se concretizar por motivo de doença do pregador.

Todos estes sermões partem da mesma perícopes bíblica retirada do Génesis: *Memento Homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris* (Gn 3, 19). Versam portanto todos eles sobre o tema da condição mortal do homem e, mais especificamente, pretendem advertir o ouvinte/leitor para a necessidade de preparar em vida esse momento derradeiro, por forma a não ser surpreendido quando tal instante chegar.

O sermão de 1672 desenvolve-se em torno da necessidade de esclarecer uma dificuldade colocada pela citação bíblica e à qual o pregador pretende responder. Consiste ela em compreender a razão pela qual a Igreja diz aos crentes que não só hão de ser pó depois da morte, como são já pó em vida: “‘Sois pó’ é a presente; ‘em pó vos haveis de converter’ é a futura. O pó futuro, o pó em que nos havemos de converter, veem-no os olhos; o pó presente, o pó que somos, nem os olhos o veem, nem o entendimento o alcança [...]. Nenhuma coisa nos podia estar melhor, que não ter resposta, nem solução esta dúvida. Mas a resposta, e a solução dela será a matéria no nosso discurso”.

9 Margarida Vieira Mendes, *A oratória barroca de Vieira*, Lisboa, Caminho, 1989, p. 146. Nesta monumental obra, a autora resume (pp. 196-198) em oito pontos as razões pelas quais considera que o “Sermão da Sexagésima” não propõe nenhum método português de pregar, mas antes “pretendeu e conseguiu criar uma vaga de mal-estar entre os pregadores da corte, ao mesmo tempo que se reforçava a autoridade e a qualificação da [...] imagem de pregador [de Vieira]”.

Assim, ao longo dos oito capítulos em que se divide o sermão, Vieira ocupa-se a explicar e a provar que “O homem em qualquer estado que esteja, é certo que foi pó, e há de tornar a ser pó. Foi pó, e há de tornar a ser pó? Logo é pó. Porque tudo o que vive nesta vida não é o que é, é o que foi, e o que há de ser”. A diferença entre o estado do vivente e do morto está apenas em que o primeiro é “pó levantado” e o segundo “pó caído”; “os vivos [são] pó com vento, e por isso vão; os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade”. Esta é uma verdade que afeta todos os homens por igual, sem atender ao seu estado, à sua fortuna, à sua origem ou a qualquer outra circunstância particular: “O grande, e o pequeno; o rico, e o pobre; o sábio, e o ignorante; o senhor, e o escravo; o príncipe, e o cavador; o Alemão, e Etíope: todos ali são da mesma cor”. Acrescenta o pregador que “o pó levantado [...] há de ser pó caído” e “o pó caído [...] há de ser pó levantado”, ou seja, todos os que vivem hão de morrer e todos os mortos hão de ressuscitar. Como tal, é necessário que os cristãos vivam como mortais, isto é, sabendo que a vida terrena é passageira e efémera, e morram como imortais, ou seja, estejam preparados para gozar a eternidade junto do Criador. Daí que o sermão termine com uma exortação feita pelo pregador aos crentes – “Comecemos de hoje em diante a viver, como quereremos ter vivido na hora da morte” – e com um convite à penitência através da meditação sobre quatro questões fundamentais: “Primeiro: Quanto tenho vivido? Segundo: Como vivi? Terceiro: Quanto posso viver? Quarto: Como é bem que viva? Torno a dizer para que vos fique na memória: Quanto tenho vivido? Como vivi? Quanto posso viver? Como é bem que viva? *Memento homo!*”

O sermão de 1673 volta à temática daquele proferido no ano anterior, na mesma Igreja de S.^{to} António dos Portugueses, em Roma, provavelmente para um auditório semelhante, constituído por fiéis de escol, já que Vieira os considera dotados de “tanto juízo, e letras”. Esta possibilidade funda-se, aliás, nas próprias palavras do orador, que começa a sua pregação recordando os fiéis do que lhes dissera anteriormente: “Duas coisas prega hoje a Igreja a todos os mortais: ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas. Assim comecei eu o ano passado quando todos estávamos mais longe da morte; mas hoje, que também estamos todos mais perto dela, importa mais tratar do remédio, que encarecer o perigo”. Assim, o pregador jesuíta retoma argumentos já usados no sermão anterior, mas vai desenvolvê-los através de novas e significativas subtilezas interpretativas. Desta feita, centrar-se-á na ideia de que “o remédio único contra a morte é acabar a vida antes de

morrer” e “acabar a vida antes de morrer [é] ser pó por eleição, antes de ser pó por necessidade”. Daí que a sua argumentação vá no sentido de convencer os ouvintes da vantagem de “morrer” antes que a morte chegue para evitar que esta se revele “una” (porque quem morre em vida morre duas vezes: uma por vontade própria e outra por desígnio de Deus); “incerta” (pois, se a hora da morte é desconhecida, para aquele que decide morrer em vida ela torna-se certa); e “momento” (já que o que morre em vida antecipa a circunstância da morte, evitando assim ser surpreendido por ela). Adotando estes conselhos e pondo-os em prática, os cristão podem então “morrer descansados” e “morrer para descansar”.

No “Sermão de quarta-feira de Cinza” que não chegou a ser proferido, Vieira remete para outras ocasiões em que já abordara o mesmo tema: “Outras vezes, e por vários modos neste mesmo dia, e sobre estas mesmas palavras tenho comparado, e combinado entre si o pó que somos, com o pó que havemos de ser: e posto que me não arrependo do que então disse, o que hoje determino dizer não é menos qualificada verdade, nem menos importante desengano”. Trata-se de um mecanismo de autorreferência que permite apreciar o processo criativo que subjaz à sua arte retórica, visto que cada novo discurso sobre uma temática já abordada lhe acrescenta originalidades argumentativas e novos aspetos teológicos que patenteiam bem a abundância de recursos intelectuais e literários de que o autor dispunha.

Neste sermão pensado para o nobre público frequentador da Capela Real, Vieira tem como propósito demonstrar a ideia de que, contrariamente ao que comumente se pensa, é a vida que deve ser temida, enquanto a morte deve ser amada: “O amor está fora do seu lugar, porque está na vida; o temor também está fora do seu lugar, porque está na morte: o que farei, pois, será destrocá-los com tal evidência, que fiquemos entendendo todos que a morte, que tanto tememos, deve ser a amada, e a vida, que tanto amamos, deve ser a temida”. Desenvolve o seu raciocínio argumentando que não há bens no mundo – nem os “bens da natureza”, nem os “bens da fortuna”, nem os “bens da graça” – que não acarretem miséria para o homem. Logo, todos esses bens devem ser desprezados em benefício de uma renúncia que leva a desejar voluntariamente a morte como única libertação.

Nesta peça, torna-se ainda relevante destacar as reflexões que Vieira faz em torno do conceito de “fortuna”, associando-o à figura do soberano. Tendo certamente por destinatário direto das suas palavras o próprio monarca português, o jesuíta expõe a teoria de que não há maior

engano do que presumir da “fortuna” dos reis, pois que estes, mais do que ninguém, são cativos da sua condição: “Os Reis são senhores de todos, mas também cativos de todos. A todos mandam como Reis, e de todos são julgados como réus. Como o Rei é a Alma do Reino, tem obrigação de viver em todos seus vassallos, e padecer neles, e com eles quanto eles padecem. Se não padece assim, não é Rei; e se padece, que maior martírio? Há-se de matar, e morrer, para que eles vivam; há-se de cansar, para que eles descansem; e há de velar, para que eles durmam, sendo mais quieto, e sossegado o sono do cavador sobre uma cortiça, que o do Rei debaixo de céus de brocado”. Nestas palavras se encontram, muito mais do que um comentário ao texto bíblico, diretrizes claras sobre a forma como devem atuar os governantes, dotando o sermão de uma dimensão política que também faz parte das preocupações do homem de ação que Vieira foi.

SERMÕES DA PRIMEIRA SEXTA-FEIRA DA QUARESMA

Os três sermões da primeira sexta-feira da Quaresma foram todos pregados na capital do reino, entre os anos de 1644 e 1651. O primeiro foi proferido no Convento de Odivelas; os outros dois na Capela Real. Se é certo que todos eles têm como ponto de partida o mesmo tema dos Evangelhos, neste caso o versículo *Diligite inimicos vestros* (Mt 5, 44), também é verdade que em cada um esse tema é desenvolvido de modo a adaptar-se ao auditório concreto a que o pregador se dirige. Cada sermão é pensado para um contexto específico e para um público determinado, que era necessário convencer pela palavra e mover à ação reformadora dos comportamentos tidos por desajustados.

Pela leitura do exórdio do sermão de 1651, podemos perceber o lugar ocupado por este tema na liturgia da Quaresma. Na verdade, Vieira começa este sermão dizendo: “Que depressa nos leva a Igreja a Deus, e com toda a Alma! Anteontem nos excitou a memória, ontem nos ilustrou o entendimento, hoje nos aperfeiçoa a vontade. Excitou-nos a memória com a lembrança da morte: *Memento homo, quia pulvis es*; ilustrou-nos o entendimento com o maior exemplo da Fé: *Non inveni tantam fidem in Israel* [Mt 8, 10]; aperfeiçoa-nos a vontade com o ato mais heroico da caridade, que é o amor dos inimigos: *Diligite inimicos vestros*”. Do mesmo passo fica igualmente identificado o argumento a desenvolver pelo pregador, o qual é a capacidade de amar os inimigos, ou seja, de praticar também com eles a caridade.